Doutor Waldemar Alcântara, na trilha de uma narrativa histórica. perspectivas de análise sobre a relação política e saúde pública, no pós-guerra, no Estado do Ceará

Gisafran Nazareno Mota Jucá*
Alex Almeida de Sousa*
Maria Gabrielle Sousa de Aquino*

Considerações Preliminares

À primeira vista, a decisão em escolher como tema de pesquisa mais uma análise biográfica, sobre o Dr. Waldemar Alcântara, do pós-guerra aos anos setenta, pode figurar como um estudo limitado, considerando que, a esse respeito, duas obras significativas já foram publicadas.[1] Nelas, podemos divisar a relação entre o público e privado, na vida política local e nacional, onde a ação de um profissional da medicina se destacava nas convergências e divergências, no campo político, econômico e social do período histórico do pós-guerra.

Uma das características mais expressivas de uma capital em crescimento, flagrante nas suas condições médico sanitárias, sempre foi a

* *Sócio Efetivo do Instituto do Ceará*
* *Aluno do Curso de História, da Universidade Estadual do Ceará, (UECE) /Bolsista/Iniciação Científica/UECE/ 2019/2020/2021.*
* *Aluna do Curso de História, da Universidade Estadual do Ceará, (UECE) bolsista/PIBIC/ CNPQ/2019/ 2020 e, bolsista UECE/FUNCAP/2020/2021.*

1 GIRÃO, Blanchard. *Doutor Valdemar:* o médico, o político. Fortaleza: Anuário do Ceará Publicações, 1992.196p. *Waldemar Alcântara.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.104p. e *Jeito de ser, jeito de morar/ Lilia Maria de Alcântara e França, organizador. – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 20011,* 76p.

pobreza, a marginalidade social, diferente da Fortaleza sempre decantada no cartão postal como "Terra da Luz", mas ainda limitada pelo "verso e reverso" [2]do seu perfil, onde a modernidade, estampada no cartão postal do clube Náutico Atlético Cearense, encobria o reverso, daquela desfortalecida Fortaleza, que se projetava na paisagem social impactante, a princípio do Arraial Moura Brasil, "a mais antiga forma de pré-favelamento que a cidade conheceu," acrescida mais tarde de espaços considerados marginais, como Pirambu, Mucuripe, o Cercado do Zé Padre, o Lagamar, o Morro do Ouro, Coqueirinho e outros mais, como São João do Tauape e o Alto da Balança. A Fortaleza, do lazer e do prazer, no início do pós-guerra, nos foi bem definida pelo Professor Liberal de Castro, ao se referir à vida social, na capital, de antes da sua partida para o Rio de Janeiro, onde iria cursar Arquitetura:

> *... O Náutico era um clube de rapazes, controlado por comerciantes em ascensão. Sua sede não passava de um galpão murado, onde com certo conforto se podia trocar a roupa de banho. Localizava-se na extinta Praia Formosa com acesso feito pela "Rampa", junto da usina da Light, depois do trilho do trem, em ponto não distante do "Curral" e da "Cinza." O "Curral" ou por extenso O Curral das Éguas, abrigava o baixo meretrício, para lá removido da Rua Castro e Silva pelo capitão, depois General Cordeiro Neto. A "Cinza" era um morro achatado, nascido do acúmulo das cinzas provocados pela queima de lenha da usina da Light próxima. E "Rampa" era a ladeira da Santa Casa, então já saneada, onde num passado distante se lançavam os chamados resíduos sólidos da cidade. Tornou - se nome genérico para os fortalezenses, hoje significando qualquer amontoado de lixo.*[3]

O objetivo inicial de nossa proposta de pesquisa foi elaborar um levantamento documental e bibliográfico, da Fundação Waldemar Alcântara. Após esse levantamento inicial de fontes, constatamos que o acervo da Instituição já se encontrava devidamente catalogado e aberto

---

[2] Cf. A Disputa do "Espaço" dos Pobres: os Bairros e os Mocambos in JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza: 1945 – 1960.*2ª.ed. São Paulo: Annablume, 2003, p.20 – 54.

[3] CASTRO, Jose Liberal de. À guisa de apresentação in JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota, *op. cit.,* p.20.

à pesquisa de interessados. Assim, surgiu uma indagação, que poderia se projetar como uma restrição a nossa proposta de estudo: como elaborar uma biografia com um arcabouço inédito, se obras de conteúdo biográfico já haviam sido publicadas?

Ao refletirmos sobre a relação intrínseca, entre Memória e História, decidimos recorrer ao "uso sem abuso"[4], da História Oral, não como uma técnica complementar, mas como uma opção metodológica, onde os entrevistados se projetam não apenas como fornecedores de informações, mas na condição de coparticipantes da narrativa histórica proposta, onde a reflexão e análise dão à narrativa um significado mais representativo das experiências vividas. E foi nesse livro, que denominamos de "Manual Básico" aos iniciantes do emprego da História Oral, como opção metodológica, que encontramos a "Trajetória" do significado e alcance, das biografias, como valiosas fontes, reveladoras do conhecimento histórico.[5] A Memória, seja individual ou social, ela se configura como um poço profundo; por isso, "Devemos continuar a escavar! Cada vulto, gesto, palavra ou canção, que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobrevier."[6]

Nessa perspectiva, além das entrevistas programadas, envolvendo, como depoentes, desde filhos do biografado, Dr. Lúcio e Dra. Lúcia Alcântara, profissionais de renome na área médica, como o Dr, Elias Boutala Salomão, intelectuais pesquisadores da área da saúde e das doenças e/ou membros do Instituto do Ceará, como o Dr. Marcelo Gurgel; além dessas entrevistas programadas, há uma fonte valiosa, que selecionamos, os Jornais cearenses do período estudado.

À primeira vista, pode ser levantada a seguinte questão: o que tem a ver os jornais com o traçado de um perfil biográfico? Muito, muito significativo e revelador é ter como fonte os jornais, que consideramos como espelhos da sociedade ou do período estudado, principalmente se recuarmos no tempo, como propormos, ao pós-guerra, antes da

---

4 FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (Coordenadoras). *Usos & abusos da História Oral*2a.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas,1998.

5 Cf. 3. Trajetória: Usos da biografia, de Giovanni Levi; A ilusão biográfica, de Pierre Bourdieu e A estrutura e a Gestalt das autobiografias e suas consequências metodológicas, de Gabriele Rosenthal in FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína, *Op. Cit*., p. 167 – 200.

6 BOBBIO, Norberto. *O Tempo da Memória:* Rio de Janeiro: campus, 1997, p.55.

consagração da televisão como novo meio de comunicação e propaganda. Os jornais, além do simples papel de informadores, eles constituem uma demonstração clara, ante a realidade social, econômica, política e cultural, da maneira de conceber a realidade cotidiana da nossa história, dando voz aos representantes de diferentes categorias ideológicas.

Usar, sem abusar, da História Oral, repetimos, buscando nos jornais um horizonte mais representativo acerca da ação do Dr. Waldemar Alcântara, no campo da saúde e das doenças, é a proposta da nossa pesquisa, envolvendo um professor e dois alunos, que muitas vezes, no desenrolar das atividades da pesquisa, pela dedicação e interesse, na coleta de informações, são também nossos professores.[7]

Na trilha de uma biografia

Até o momento presente, realizamos apenas cinco entrevistas e as razões são plausíveis com o surto da pandemia sem fronteiras, envolvendo diferentes espaços sociais e culturais do planeta. Os instáveis momentos, por nós agora vividos, quando direta ou indiretamente, constatamos a perda de entes queiros ou o aumento do número de desempregados e marginalizados sociais, nos faz pensar que o terror dos surtos epidêmicos já não é mais divisado, como algo de um passado distante, como foi a temida gripe espanhola, tão bem narrada, em publicação recente, por um historiador americano.[8] Como o total das pessoas a serem entrevistadas estão na faixa de mais de 60 anos, torna-se impossível, nesse momento realizar as entrevistadas programadas, mas podemos indicar o nível de representação social dos mesmos. Além dos médicos, ou políticos, direta ou indiretamente, ligados à ação profissional do Dr. Waldemar Alcantara, procuraremos colher os testemunhos de experiências políticas. Na fase inicial da coleta de depoimentos, pretendíamos entrevistar apenas aquelas pessoas que, com ele conviveram, seja no meio familiar, no campo político, como o ex-Governador, Adauto Bezerra, de quem Dr. Waldemar foi companheiro de partido, ao assumir o cargo de Vice-Governador e/

[7] Título Original do Projeto: Fundação Waldemar Alcântara / Um Estudo Biográfico: levantamento documental e bibliográfico do acervo da Instituição.

[8] BARRY, John M. A Grande Gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos. 1ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

ou membros do nosso Instituto de Ceará, da área médica ou de setores políticos, como o ex-Governador Gonzaga Mota.

No decorrer de nossas reflexões, o horizonte foi ampliado, trazendo à baila novos personagens e novos espaços sociais, políticos e culturais a serem considerados. Assim, além dos filhos do biografado ou de pessoas que com Ele conviveram, outros personagens passaram a ser levados em conta, como depoentes mais situados na temporalidade presente do que no corte cronológico estabelecido. Tal escolha foi baseada em tópicos da formação e atuação política do biografado e referenciados aos espaços urbanos, inseridos ao longo da narrativa a ser apresentada.

Alegoricamente, é como se uma nova janela fosse aberta, advinda do intuito de propiciar uma visão mais abrangente da temática em estudo, proporcionando uma luminosidade crescente a clarear a trilha da pesquisa proposta, onde a política se projeta na saúde, nas paisagens urbanas e no arcabouço ideológico da temporalidade evocada, na "macro" e na relação entre "História Social e Microhistória".[9] Em síntese, o estudo de um velho tema, visualizado em uma nova abordagem, não apenas histórica, mas numa perspectiva transdisciplinar, onde diferentes tópicos nos remetem a um enlace contínuo envolvendo o campo da saúde, da história política, da ciência política, da geografia e da história urbana e mesmo da Arquitetura. E nesse emaranhado de narrativas, acerca da ação de um profissional, sempre dedicado mais à saúde do que a política, podemos, sem receio, ressaltar o valor do uso da representação do cotidiano[10], como um conceito precioso para reconstituição de um passado ainda vivo nas práticas vividas no tempo presente.

Nessa perspectiva teórica e metodológica, além das entrevistas com familiares e contemporâneos de vida do biografado, decidimos ampliar o quadro de entrevistados, não mais restrito a lideranças políticas e/ou a seus descendentes, mas envolver no rol de depoimentos a serem coletados, opiniões as mais diversas possíveis, como as de cientistas políticos, intelectuais com destaque na história desse longo período, além de inclusão,

---

9 Cf. LIMA, Henrique Espada. *A micro - história italiana:* escalas, indícios e singularidades Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 245 – 258...

10 Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994 e CERTEAU, Michel; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*

dentre os depoentes, de intelectuais e políticos de esquerda, que devem apresentar uma análise crítica mais acirrada acerca do quadro político e social cearense, sobretudo na segunda metade do século XX. Outros testemunhos poderão ser incluídos, ao desenrolar da pesquisa, considerando os temas analisados e os processos sociais, políticos e culturais projetados.

No setor médico, como a quase totalidade dos profissionais da saúde, que conviveram mais diretamente, com o Dr. Waldemar Alcântara , faleceu, com raras exceções, como o Dr. Elias Boutala, - uma valiosa e reveladora entrevista – ex-aluno do biografado, ex-Secretário de Saúde do Estado, um médico sempre disposto a ouvir e dialogar, outros profissionais dessa área da saúde, como os sanitaristas e infectologistas poderão transmitir valiosos informes, complementados por subsídios, oriundos de outras fontes, como o testemunho de especialistas no estudo da Literatura, considerando que a ficção não tem suas raízes apenas no imaginário, pois é valioso ao processo de recomposição do enredo traçado, onde ficção e realidade se envolvem e se complementam.

Ainda na composição do rol dos entrevistados, pretendemos ouvir pessoas mais jovens, seja no âmbito familiar do biografado, seja além dele, como profissionais da ciência política que fazem parte do quadro docente de Universidades de destaque, no cenário estadual, como a Universidade Federal do Ceará, (UFC) e a Universidade Estadual do Ceará, (UECE) ou mesmo sanitaristas mais jovens, considerando o valor de novas versões, bem definidas através do conceito de Pós – Memória, criado por uma intelectual argentina, Beatriz Sarlo[11], ou seja, pessoas que não conviveram diretamente com o biografado ou rememorado, mas a ele se sentem ligados, seja por laços familiares e parentais, seja por simpatias e/ou associação política com figuras rememoradas. Ele nos remete ao reconhecimento do valor dos depoimentos de pessoas mais jovens, que embora não tenham vivido, diretamente, o momento em análise referenciado, mas o envolvimento dos depoentes, com temas distantes, se explica pelo envolvimento deles, direta ou indiretamente, seja através de um descendência familiar ou um interesse temático.

[11] SARLO, Beatriz. *Tempo Passado:* cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG,2007.

Essa relação entre um passado distante e os subsídios coletados, de um presente do biografado, nos remete a uma nova definição de temporalidade, não mais baseada naquela rígida divisão, entre o passado distante, o presente vivido e um futuro muitas vezes almejado, muitas vezes temido, definição essa, segundo a qual, o encadeamento lógico do ontem, do hoje e do amanhã não pode ser negado, mas compreendido num enlace contínuo da noção de temporalidade.[12]

O passado não deve ser considerado apenas como um ontem longínquo, mesmo reconhecendo a celeridade da máquina do tempo e o futuro não só a Deus pertence, uma vez que a temporalidade é mordaz, individual e coletiva e o passado continua no presente, quer se perceba ou não, presente que se modela como responsável pelas mudanças de um incerto futuro.

Walter Benjamin, o judeu germânico esmagado pelo terror nazista, nos revelou o sentido e o alcance da memória, na relação entre a vida urbana e a história, vida urbana envolta com o brilho da memória. De acordo com Wille Bolle, Benjamin "ao analisar o significado do perfil da metrópole moderna, o mapa da memória do eu e o mapa da cidade se sobrepõe. Não é possível desenhar um sem o outro." E para uma melhor compreensão desse processo, o autor apresenta um trecho de um texto de Benjamin, "Escovar e Recordar, revelador do alcance e significado da Memória," onde "... a memória não é um instrumento para a exploração do passado, e sim, seu palco. A memória é o meio daquilo que vivemos, assim como a terra é o meio dentro do qual jazem, soterradas as cidades mortas."[13]

Para compreendermos o sentido da memória, Benjamin nos faz entender que:

> *A língua tem indicado inequivocadamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado: é, antes, o meio. E o meio, onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava.*[14]

---

[12] ELIAS, Nobert. *Sobre o Tempo.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1998.

[13] BOLLE, Will. *Fisionomia da Metrópole Moderna.* 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 318.

[14] BENJAMIN, WALTER. Obras escolhidas II. *Rua de Mão Única.*2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 239.

Após estas referências benjaminianas, outra questão pode ser levantada: o que tem a ver uma análise acerca das Metrópoles europeias com uma ainda acanhada Fortaleza, do pós-guerra, onde as almejadas edificações, como o Porto do Mucuripe, a Catedral Metropolitana e o prédio do Cine São Luiz ainda eram consideradas, por jornalistas da época, como "as três sinfonias inacabadas"? A capital cearense, nesse período até o final do século, paulatinamente ia se transformando em mais uma Metrópole Regional, a reboque ainda do Recife ou mesmo de Salvador, mas digna do bairrismo local, que em tudo e por tudo, ou melhor, em quase tudo "era a melhor do norte e do nordeste". E foi nessa Metrópole nanica que o Dr. Waldemar e demais companheiros da área da Saúde, como Dr. Jurandir Picanço, Dr. Walter Cantídio e outros profissionais da Saúde passaram a batalhar pela implantação de infraestrutura assistencial, como a Instalação de uma Faculdade de Medicina e o Hospital do Câncer.

Antes de iniciar a análise das primeiras entrevistas, aquelas realizadas com familiares e profissionais da saúde, tendo em vista indicar uma contextualização histórica do período estudado, pretendemos entrevistar, além de profissionais da área de Ciência Política, estudiosos da Geografia Urbana, da Arquitetura e da História, com o intuito de ampliar o painel da análise proposta.

Os depoimentos de pelo menos dois ou três cientistas políticos nos permitirão compreender melhor o pano de fundo de nossa pesquisa, o palco político do período histórico estudado, a fim de que possamos definir como se projetavam as forças políticas, indicando os conflitos e proposições dos agentes condutores dos partidos políticos existentes, marcados pela fragilidade de suas estruturas e por um traço comum, a força do personalismo, projetada na defesa dos direitos e espaços obtidos. Os partidos políticos, em nosso país, ao longo do processo histórico, se organizaram ou se desorganizaram ou se diluíram e ainda hoje se organizam e se enfraquecem, de acordo com as conveniências e possibilidades dos momentos vividos, onde os benefícios adquiridos permanecem firmados.

A primeira pergunta que nos vem à mente é o porquê da longa permanência do Dr. Waldemar no Partido Social Democrático (PSD) e em que tal partido podia ser diferenciado de outros, como a rival União Democrática Nacional (UDN) ou o temido Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e

como esses partidos foram condensados na dualidade competitiva entre Aliança Renovadora Nacional (ARENA) versus Movimento Democrático Brasileiro (MDB), a partir de 20 de novembro de 1965.

A realidade histórica, durante muito tempo foi definida como o anverso da literatura. Razão contra emoção, realidade concreta versus imaginário. Só nas últimas décadas se descobriu que a história e a literatura, apesar de seu significado e alcance, que as diferenciam, não escapam ao elo comum que as aproxima, a continuidade histórica, representada pela realidade concreta e pela subjetividade de quem a analisa. Portanto, as sensibilidades não pertencem apenas a personagens literários, mas se revelam nas manifestações históricas e nas análises apresentadas, bem reveladas no campo da história cultural.

O imaginário dos romances não nasce de um vazio, mas das reflexões acerca da historicidade abordada, onde o imaginado se revela como uma demonstração mais livre do que uma formulação científica, pois ele se projeta fragmentado, como estilhaços de um espelho fracionado, mas não deve ser menosprezado, porque tais estilhaços têm seu brilho próprio e se configuram em cada maneira pessoal do observador se portar diante dele, de uma realidade histórica observada, dimensionada numa temporalidade social, onde razão e sensibilidade se associam.

Acerca do alcance da literatura como fonte histórica, a Professora Sandra Jatahy Pesavento nos revela que:

> É claro que tanto a história como a literatura têm métodos e exigências diferenciadas e que mesmo suas metas podem ser distintas [...] Parece que as duas narrativas, [a histórica e a literária] se empenham nesse esforço de capturar a vida, reapresentar o real e mesmo que as suas estratégias de argumentação possam diferir. Um diálogo ou um cruzamento de olhares entre os domínios das duas musas pode ser, além de gratificante, esclarecedor. [15]

À Primeira vista, a exposição acima apresentada pode se configurar como uma digressão, afinal o tema central do estudo proposto é uma análise de uma biografia, num complexo campo social, o canteiro político, onde o público e o privado se entrelaçam e/ou se digladiam, mas a

[15] PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Diálogos Coma Literatura.* Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS,2000, p. 7 e 8.

política se revela num cenário sócio cultural, bem expresso na literatura, em diferentes momentos da temporalidade histórica.

E ela se revela útil ao pesquisador, que a considera como uma fonte, se ele estuda uma temática de um passado distante, quando a causalidade histórica não mais é concebida como um simples estudo de fatos e datas, onde as individualidades eram projetadas como principais agentes históricos. Mesmo no cenário do século vinte a literatura se revela como uma fonte preciosa, onde as paisagens socioculturais se nos apresentam, com todas as suas digressões e contrastes. Uma vez indagaram ao escritor José Saramago, para que servia a literatura e ele respondeu: "serve para nada... ela serve para compreender" e a compreensão é o sentido básico da História, que nos leva a outros caminhos e outras dimensões.

Uma prova da validade do uso da Literatura, como fonte reveladora da realidade social, na análise do contexto do período estudado, o pós-guerra, decorreu no desenrolar da nossa pesquisa, quando a princípio os nossos bolsistas ainda não haviam definido, com segurança, seus respectivos temas de suas monografias, exigidas na conclusão do Curso de História, da UECE. Gabrielle pensava em pesquisar sobre um tema no campo da História Geral, em decorrência das revelações projetadas nas aulas da disciplina História Medieval, mas após as leituras que lhe indicamos, sobre a História Cultural, onde a literatura se destaca como uma valiosa fonte de estudo, revelando diferentes aspectos da vida privada e das experiências coletivas, voltadas ao cotidiano, ela decidiu selecionar uma produção literária cearense, como fonte histórica para uma compreensão do período estudado, em especial a segunda metade do século passado.

A obra por ela escolhida foi Sua Majestade o Juiz, de Jader Carvalho, um valioso crítico da vida social e política, em nosso Estado, tão bem representada nesse romance, mas outra produção desse polêmico crítico, *Aldeota*,[16] com a análise dos contrastes, estampados na realidade urbana de Fortaleza, revela de forma clara os impasses e as contradições sociais de uma capital considerada moderna, nos novos usos e costumes, mas arcaica no seu perfil social cotidiano, onde a miséria se revelava no crescimento de um bairro como o Pirambu.

---

[16] CARVALHO, Jader de. *Aldeota.* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. (Coleção Clássicos Cearenses). [1ª. Edição, 1963].

O relato sobre o histórico desse consagrado bairro nos permite melhor compreender o processo de urbanização registrado, onde morar na Aldeota significava saber como bem viver na simpática capital cearense, na "loura desposada do sol". O desejo de "metropolitização" se chocava com o provincianismo das práticas cotidianas, onde o uso do contrabando era uma saída viável para aplicação do capital, obtido de forma ilícita, uma vez que "o contrabando anula terrenos baldios e alarga para ainda mais o novo bairro aristocrático de Fortaleza."[17] Da a dificuldade de obtenção da obra escolhida para a revelação do pano de fundo da realidade social urbana, do pós-guerra, uma real análise do conteúdo dessa produção literária poderá ser divulgada, em outra publicação, referente ao nosso estudo biográfico do Dr. Waldemar Alcântara.

O imaginário dos romances, sejam eles produções de narradores cearenses, paulistas, europeus, africanos, asiáticos ou mesmo de algum dos experts em "best sellers", os literatos americanos, ele não constituiu uma cópia do que acontece ou que aconteceu, mas a ação e o modo de ser dos personagens evocados, não nasce do acaso, mas da observação cotidiana do narrador, cuja fonte do enredo apresentado é um reflexo da realidade vivida, no cotidiano. Jader de Carvalho, em um dos seus romances, apresentou o seguinte comentário, aqui colocado, de forma espontânea, com minhas palavras: *"a relação direta entre o que foi dito no romance e a verdade real, da vida social analisada, incluindo o perfil dos agentes evocados, é a pura realidade."*

Dr. Waldemar Alcântara: médico sanitarista e homem político, que batalhou para o avanço de "práticas médicas" mais socializadas, em Fortaleza.[18]

Com a terceira revolução da chamada "Escola Annales", originária da França, a fonte histórica começou a ampliar sua definição, abrangendo os documentos oficiais e não oficiais. A partir deste momento, a história passa a ampliar sua concepção de campos historiográficos. Dentro da

[17] Cf. Fortaleza do pós-guerra e seus contrastes sociais in JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota Jucá. *Seminário da Prainha:* indícios da memória individual e da memória social. Fortaleza: EdUECE, 2014, p. 122 – 137.

[18] Texto produzido por Maria Gabrielle Sousa de Aquino.

História Cultural, é possível trabalhar os conceito de memória e história entrelaçados, extraindo deles a narrativa própria para compreender o olhar sobre o real, como coloca a Professora Sandra Pesavento: "História e memória partilham uma mesma feição de ser: são ambas narrativas, formas de dizer o mundo, de olhar o real. São discursos, pois. Falas que discorrem, descrevem, explicam, interpretam, atribuem significados à realidade".[19]

A compreensão de narrativas, a partir da relação entre memória e história, constitui um campo metodológico de suma importância para a compreensão de toda a trajetória do Dr. Waldemar Alcântara, é o da história oral, pois o uso de entrevistas é primordial para que haja uma junção e uma narrativa singular de quem viria a ser Waldemar Alcântara e qual o seu reflexo na sociedade fortalezense da época.

Ao se tratar de Doutor Waldemar Alcântara, vem à lembrança não só o homem político, como o médico, o qual trouxe consigo marcas significativas e singulares para o panorama médico e, mais à frente, político fortalezense pouco antes de adentrar no período pós segunda guerra mundial. Um homem que, na memória de todos os entrevistados, é retratado como alguém sempre sisudo, mas carismático, que muito fez para efetivar melhorias no campo da saúde.

A cidade de Fortaleza, durante as décadas de 1930 e 1940, estava passando por diversas mudanças de caráter físico, social e político. Nos anos que seguiram ao término da segunda guerra mundial, a estrutura física da cidade tendia a mudanças, um exemplo disso foi a mudança de logradouro de lazer da classe média, a construção de vários clubes e o aumento de bairros periféricos, como o Pirambu. Essas mudanças estruturais da cidade acentuaram um problema já existente que seria a desordem habitacional, formando amontoados em áreas periféricas, o que, devidas às condições insalubres, tornava aquele ambiente propício à propagação de várias doenças, como a tuberculose e a hanseníase. Entendendo o amplo panorama da cidade de Fortaleza nesse período, é compreendido que havia, também, a irregularidade da estação climática dos sertões, que era expressa nas temidas secas ante o suporte precário governamental,

[19] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer: imaginários de sentido que falam sobre o passado. In: *Seminário de Estudos em Análise do Discurso.* 2ª ed. Anais do II SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso {recurso eletrônico} Porto Alegre: UFRGS, 2005

que fazia com que houvesse a migração contínua do interior do Ceará para a capital, favorecendo o crescimento das áreas adjacentes ao centro, consideradas marginais.

Estabelecendo, de maneira geral, um panorama da cidade de Fortaleza, convém compreender o desenrolar da vida do Dr. Waldemar Alcântara, durante este período. Nascido na cidade de São Gonçalo, José Waldemar Alcântara e Silva foi de Fortaleza para a Bahia com o intuito de estudar medicina, já que não havia outra Faculdade que ofertasse o curso no Ceará. Com um boletim exemplar, ele se formou no ano de 1938 e já em 1939 se casou com Dolores Alcântara. Ambos foram para Quixadá, pois Ele fora indicado, pelo interventor Menezes Pimentel, a assumir a direção do Posto de Saúde local e, mais tarde, a Direção do Centro Médico de Saúde em Fortaleza. Especializado na área sanitarista, viu a necessidade de ampliar sua atuação para as demais áreas, já que não havia médicos suficientes para tratar a população pobre.

Já atuante no Centro Médico de Saúde, Dr. Waldemar, juntamente com os nove colegas e um padre, em 1944, viram a necessidade de haver um local voltado para o tratamento de pacientes com câncer. Dentre esses colegas, podemos citar, primeiramente, Dr. Haroldo Juaçaba, Dr. Walter Cantídio, Dr. Newton Gonçalves, Dr. Antônio Jucá, Dr. João Batista Saraiva Leão, Dr. Livino Pinheiro, Dr. Jurandir Picanço, Dr. Walter Porto, Dr. Luiz Gonzaga da Silveira e o Padre Arquimedes Bruno, da Arquidiocese de Fortaleza. Segundo Dr. Marcelo Gurgel:

> *Já Havia surgido alguns hospitais de câncer no Brasil e o Ceará ainda não possuía o seu, então se criou o Instituto do Câncer em 25 de novembro de 1944, com essa decisão dos dez médicos e um padre, para prestar assistência ao paciente canceroso, que era bastante marginalizado. Criaram uma enfermaria na Santa Casa e o sonho almejado, já na década de 40, era a construção de um hospital especializado em câncer, se espelhando no que já acontecia em outros Estados. (SILVA, 2019)*

Em 1948, foi concretizado o pensamento que surgira em 1939, de ser instalada uma Faculdade de Medicina na capital fortalezense, como explicita o Dr. Elias Salomão Boutala:

> *Como médico, ele foi chefe do Centro de Saúde e tinha muita influência na cidade com a força do trabalho que ele fazia nesse Centro. Só havia um Centro de Saúde, aqui em Fortaleza, que era na Praça José de Alencar, no lugar em que hoje é o jardim da Praça. Era ali que o Doutor Waldemar atuava, desde 1948, data de fundação da Faculdade de Medicina, 12 de maio de 1948. Só que esse pensamento de fundação de Faculdade vinha lá dos anos trinta, [1939], mas como coincidiu com a data da Segunda Guerra Mundial, o assunto ficou suspenso e ele, em 1945, depois do término da guerra, ele, juntamente com o Dr. Jurandir Picanço, Dr. José Carlos Ribeiro, Dr. Walter Cantídio, Dr. Nilton Gonçalves, levaram o pensamento que o Doutor Jurandir tinha almejado, em 1939 e concretizado onze anos depois, 1948, ano em que a Faculdade de Medicina foi criada. (BUTALA, 2019)*

No Governo de Gaspar Dutra, juntamente ao mandato do Ministro da Educação, Clemente Mariani, em 1948, foi assinado o decreto que concedia ao Estado do Ceará sua primeira Faculdade de Medicina, localizada ao lado da Praça José de Alencar. Sendo dirigida pelo Dr. Jurandir Picanço como presidente e Dr. Cesar Cals como presidente de honra, a Faculdade contou com o trabalho dos médicos fundadores, como professores ativos na grade curricular. O Dr. Waldemar Alcântara, médico especializado na área sanitarista, ministrava a disciplina de Doenças tropicais (SILVA, 2019). A Faculdade, no início, não era vinculada ao Governo, então necessitava de investimentos privados para arcar com o custo de todo o seu funcionamento. Para isto, foi solicitado o apoio de comerciantes e industriais locais, além de doações governamentais.

Vale salientar que, neste momento, para que houvesse o desenvolvimento do setor médico e educacional, as ideologias partidárias políticas foram postas de lado, tendo em vista que, no Governo do Estado estava Faustino Albuquerque, filiado a UDN (União Democrática Nacional) , além de Dr. Jurandir Picanço; já Dr. Waldemar seria do PSD (Partido Social Democrático). Apesar de os dois médicos terem ideologias diferentes, o olhar voltado para as melhorias médicas na capital, associando a cordialidade e o bom humor, fizeram com que ambos trabalhassem juntos, sem que houvesse embates radicais, tão comuns nos dias atuais. (ALCÂNTARA, 2019). No ano de 1957, a Faculdade de Medicina foi transferida para o Porangabuçu, onde, no início, funcionou na ala esquerda do Hospital de Doenças Infectocontagiosas e foi se desenvolvendo, paulatinamente.

Neste meio tempo, é interessante citar que, o Instituto do Câncer (ICC) vinha a ser dirigido pelo Dr. Waldemar Alcântara desde o pós guerra até a datação de seu falecimento, no ano de 1990, como nos coloca o jornalista Blanchard Girão, em sua biografia sobre o Dr. Waldemar:

> *Mesmo nas épocas em que estava muito ocupado com a política, mesmo quando no exercício das mais altas funções legislativas ou administrativas, como Deputado, Senador, ou como Governador do Estado, ele nunca se desvinculou do Instituto. Chegava lá como uma pessoa comum, na sua camioneta particular, e vinha reunir-se conosco, em pé de igualdade com os demais. Estava ali o médico, na plenitude do seu fervor pela vocação de seu mister. (GIRÃO,1992)*[20]

É possível constatar, por meio dos relatos feitos nas entrevistas realizadas que a atuação médica de Dr. Waldemar floresceu de maneira significativa, em termos sociais. Sempre buscando melhorias para o cenário médico local e, mais tarde, a nível nacional, com sua atuação como Senador durante o início do período ditatorial, antes do decreto do Ato Institucional de nº 2, o qual extinguiu os partidos políticos naquele instante. Dentro das narrativas citadas, não podemos tratar do Dr. Waldemar Alcântara por uma única ótica, tendo em vista a pluralidade de atuações vividas por ele.

Além do testemunho dos entrevistados, para melhor divisar as condições e contradições, da vida social de Fortaleza, no pós-guerra, recorremos, conforme já foi ressaltado, à valiosa obra, do consagrado romancista cearense, Jader de Carvalho.

Entre a Medicina e a Política[21]: considerações sobre a ação do Dr Waldemar Alcântara acerca do uso da maconha (1967 – 1973) [22]

O conteúdo desta nossa análise, acerca da atuação do Dr. Waldemar Alcântara, no Senado Federal, constitui apenas um esboço do nosso projeto de pesquisa, relativo à elaboração da nossa monografia, exigida para a

---

[20] Cf. GIRÃO, Blanchard. *Doutor Valdemar:* o médico, o político, Fortaleza: Anuário do Ceará de Publicações LTDA, 1992.

[21] Texto produzido por Alex Almeida de Sousa.

[22] A princípio tínhamos escolhido outro tema para a nossa monografia de conclusão de curso na UECE, mas no decorrer da pesquisa sobre a biografia do Dr. Waldemar Alcantara, partindo do relato de Dr. Lúcio Alcântara, um tópico por ele narrado, até de forma jocosa, prendeu nossa atenção e nos estimulou a analisar o conteúdo, de dois Tomos, referentes a projetos e discussões no Senado, sobre o regularização e controle da *Cannabis sativa*.

conclusão do Curso de Licenciatura em História, na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

À primeira vista o título da nossa pesquisa pode parecer enigmático, suscitando indagações ou tentativas de explicação acerca do porquê relacionar o uso da maconha à ação de um político, considerado conservador e precavido, na discussão acerca de temas polêmicos, mas não podemos esquecer que eles são deveras significativos à compreensão do vasto campo da saúde e das doenças.

As experiências vividas fora e dentro da Universidade nos apresentam um enorme campo de possibilidades e nos proporcionam, se não a descoberta, ao menos o contato, com os mais variados objetos de estudo que podem, à medida que são explorados, contribuir com os debates pertinentes à sociedade e fazer com o que o saber histórico atravesse os muros da academia e cumpra seu importante papel social. Com o intuito de contribuir com a renovação do saber histórico e com os debates em nossa sociedade, em especial a problemática da política antidrogas, que nossa pesquisa se desenvolve e se justifica. Tendo como tema principal a política antidrogas durante a ditadura militar, assunto pouco explorado, e o discurso médico do Dr. Waldemar Alcântara sobre a Cannabis Sativa como principal objeto de pesquisa, buscamos compreender o discurso, tanto da classe médica quanto da classe política, sobre questões toxicológicas. Procuramos ademais elucidar o foco das ações políticas, levadas a efeito, sobre a referida planta, já que o rigor das novas leis se destinava em especial para a maconha, que foi colocada a partir de 1967, no mesmo patamar do ópio, da cocaína e da morfina (produto para a heroína). Trabalhamos com a hipótese de que fatores culturais, políticos e sociais tiveram uma dupla ação: agir diretamente na construção de novas leis contra a maconha e influenciar a mudança de direcionamento discursivo e de ações do Dr. Waldemar Alcântara.

É através da experiência, promovida pela Universidade Estadual do Ceará e do diálogo entre diferentes metodologias, sendo uma delas a História Oral, que o interesse em pesquisar sobre a vida política e a trajetória de Waldemar Alcântara toma forma. Em uma de nossas primeiras entrevistas, realizada na Fundação Waldemar Alcântara, falamos com o Dr. Lúcio Alcântara, filho que seguiu os passos do pai, exercendo as funções

de médico e ingressando na política; Dr. Lúcio relata, de forma bastante espontânea e de maneira afável, a curiosidade que o pai nutria por um tema pouco ortodoxo para o meio político, de que fazia parte em meados da década de 1960. Antes de tratarmos sobre tal tema, é indispensável reconhecer o importante papel da Memória na construção da narrativa histórica, colocando-a não como uma guardiã do passado, dotada de uma verdade incontestável e inabalável, mas tão pouco a colocando de lado, como foi feito nos séculos XVIII e XIX. A memória representa para a pesquisa histórica um importante ponto de partida e uma valiosa fonte, que não escapa, assim como as mais variadas formas de documentação e fontes, de passar pelo crivo da dúvida.

Sobre os usos da memória como fonte, Paul Ricoeur faz o seguinte apontamento:

> *"O historiador deve deixar de tratar os vestígios da memória como resíduos arcaicos ou como uma ficção da qual se deve desconfiar.*[23]

É por considerar o valor da memória que algumas informações pertinentes para o presente podem ser exploradas nesta pesquisa. Ao relembrar a trajetória política do pai, Dr. Lúcio revela uma informação que no primeiro momento soa como uma brincadeira, um entretém, feito para quebrar o tom sério da entrevista que já se encaminha para seu final:

> *Pois é, Ele gostava também de estudar temas diversos. Por exemplo, uma coisa que ele andou estudando, fez palestra e depois levou isso pro Senado, foi a questão da maconha. Ele defendeu. Foi até muito atacado na época, chamado de senador maconheiro. (ALCÂNTARA,2019).*

A afirmação de que Dr. Waldemar Alcântara se interessava pelo debate que se desenrolava em torno da maconha, é algo que parece paradoxal no primeiro momento, uma vez que sua trajetória política o colocava alinhado com partidos mais conservadores, sendo inclusive membro da ARENA durante as décadas de 1960 e 1970. É por meio desse relato despretensioso,

---

[23] Cf. GOMES, Ângela. M. de Castro; SCHMIDT, Benedito Bisso; *Memórias e narrativas autobiográficas.* Rio de Janeiro: Ed. FGV; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

que vem à tona a lembrança de uma documentação, talvez inexplorada, que se encontra nos arquivos da Fundação Waldemar Alcântara.

Passamos então a procurar vestígios em dois tomos, intitulados *Ação Parlamentar do Senador Waldemar Alcântara,* sendo esses, compilados de discussões realizadas no Senado que tratam sobre temas de relevância para o Brasil, incluindo debates sobre a maconha e suas implicações médicas e sociais. Essas fontes orientam a análise do discurso por ele proferido, que se mostra contrário às proibições aplicadas ao uso da Cannabis, defendendo do ponto de vista médico, um tratamento especial para maconha quando comparada a outros tóxicos.

Ao argumentar que a maconha não apresentava toxicidade elevada e, portanto, nenhum risco social em especial para a juventude, Dr. Waldemar se colocou contra as instituições de poder e confrontou o discurso político apresentando fatos científicos respaldados pela medicina. Sendo o discurso uma relação direta da língua com outras práticas sociais, influenciando diretamente comportamentos e formas de pensar de uma sociedade, também se faz necessário observar as relações de poder, que se manifestam através de cada discurso, uma vez que "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar".[24]

Ao observar as fontes levantadas é possível notar uma mudança de direcionamento nas escolhas políticas do Dr. Waldemar Alcântara que, de início, baseados em seus conhecimentos técnicos da medicina, defendia que a maconha não representava um risco significativo à ordem social, eximindo a referida planta da culpa de ser causadora de diversos problemas sociais que lhe são atribuídos, como a loucura que supostamente causa a algumas pessoas e aos crimes, que podem ser cometidos sob o efeito da planta:

> *Não há ponto de vista histopatológico, lesões que possam ser atribuídas ao uso da maconha; não há do ponto de vista social maiores desordens que possam ser atribuídas ao maconheiro; não há do ponto de vista de acidentes automobilísticos, maiores responsabilidades do guiador que está usando um cigarro de maconha. Há sim, e quase invariavelmente, ao mal guiador que estava sob efeito do álcool.*[25]

---

[24] FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* São Paulo, Edições Loyola, 1996.

[25] Ação Parlamentar do Senador Waldemar Alcântara, 1974. Vol. I, Tomo I, p.345-346.

Mesmo com tal afirmação, o Dr. Waldemar Alcantara votou a favor do endurecimento das leis, o que nos leva a questionar: em que ponto o seu discurso médico foi silenciado pelo discurso político do seu partido? Em que ponto o discurso tido como verdadeiro, pelo Dr. Waldemar, foi rejeitado, em prol de um discurso ligado ao exercício do poder? No entendimento de Michel Foucault**,** o discurso verdadeiro não é mais o discurso precioso e desejável, visto que não é mais o discurso ligado ao exercício do poder." [26]

Para que possamos compreender as implicações socioculturais e políticas do endurecimento das medidas contra o uso, porte e comercio da maconha no Brasil e compreendermos o discurso de Waldemar Alcântara, é necessário se valer de conceitos e ampliar o leque de fontes utilizadas. Para tanto, serão utilizados os conceitos de "Discurso", "Problema Social" e "Imaginário Social", a fim de que possamos estabelecer um diálogo entre as fontes.

O conceito de Discurso que utilizamos é o de Michel Foucault, que o definiu como *"um conjunto de regras anônimas históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em cada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, das condições de exercício da função enunciativa"*.[27] Quanto à definição de "Problema Social", nos apoiamos em Remi Lenoir, segundo qual:

> *"problemas sociais são instituídos em todos os instrumentos que participam da formação da visão corrente do mundo social, quer se trate dos organismos e regulamentações, que visam encontrar uma solução para tais problemas, ou das categorias de percepção e pensamento que lhe correspondem."* [28]

Outro conceito, que consideramos válido, é o de "Imaginário Social", empregado principalmente junto às fontes hemerográficas, uma vez que o consideramos representativo como expressão de uma modalidade para fundamentar a analise presente em nosso trabalho. Assim, "*o imaginário*

---

[26] FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso.* São Paulo: Edições Loyola, 1996.

[27] FOUCAULT, Michel, op.cit., p.43.

[28] LENOIR, Remi. *Objeto sociológico e problema social.* Petrópolis: Vozes, 1998, p. 62.

social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder."[29]

É importante lembrar que os militares se mantinham a par de tudo que era veiculado nas mídias, estabelecendo um controle ainda maior após o Ato Institucional nº 5, período em que a censura se intensificou, quando os jornais passaram a ser cada vez mais controlados. Por fim, podemos avaliar o papel dos discursos, tidos como verdadeiros, na construção desse "Imaginário Social", destacando a relação entre verdade e normatividade, sendo possível, assim, estabelecer diálogos entre conceitos e fontes utilizadas.

Durante os anos de 1967 a 1973, o governo militar tentou por meio da edição do Decreto-lei nº 159, que foi editado em 10 de fevereiro de 1967 e da criação dos Decreto-lei nº 385, de 26 de dezembro de 1968, do decreto de nº 753, de 11 de agosto de 1969 e do Projeto de Decreto Legislativo nº 35, de 30 de novembro de 1972, tornar mais dura a repressão contra usuários e traficantes da *Cannabis*, empregando esforços do partido e contando com o apoio popular para tal. É buscando refletir sobre a política de combate as drogas que faremos uso dos Decretos acima citados.

Partindo de fontes hemerográficas, buscaremos compreender o papel dos jornais na formação do imaginário social a respeito da maconha e, se possível, as repercussões das decisões políticas na sociedade e o tratamento que foi dado pela imprensa a respeito do tema, buscando evidenciar, também, apoiando-se nas fontes, as reverberações do discurso médico do Dr. Waldemar, que já apontara: *"sei que estou fazendo uma afirmativa que a sociedade talvez não aceite, mas, não aceitar por ignorância[...]"* (Tomo I, p.345), dando indícios que a sociedade se colocava em convergência com o discurso médico, por ele defendido.

Os jornais A Folha de São Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo serão utilizados como fontes. Sabemos que grande parte da imprensa brasileira apoiou o golpe militar, permanecendo alinhada com as diretrizes do Governo durante os primeiros anos do regime; dessa forma, torna-se possível levantar hipóteses sobre as matérias difundidas nos principais

[29] A respeito de uma melhor definição e do uso desse conceito, vide: BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social in LEACH, Edmund et alii.* Anthropos-Homem. *Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, p. 309.*

jornais e a respeito da influência das mesmas na formação do imaginário social, no que diz respeito ao uso da maconha.

A Folha de São Paulo divulgou, na sua edição do dia 31 de maio de 1967, uma matéria intitulada "Ratos provam mal dos tóxicos", onde estudantes de ciência médica da Santa Casa provavam, através de experimentos, os malefícios da maconha. Outra matéria do mesmo jornal, dessa vez publicada em 25 de julho de 1967, com o título *"O reino vegetal também nos dá a maconha (quantos problemas!) apresentou uma breve história da planta, destacando sua origem e comentando sobre a raiz etimológica da palavra maconha, que, segundo o jornal, deriva da palavras árabe "haxaxin"*, que por sua vez significa assassino. O Jornal faz uma relação direta a usuários da cannabis com o assassinato. A matéria diz ainda:

> *[...] o governo egípcio publicou relatório de uma repartição central de narcotráficos em que a maconha é caracterizada como tóxico capaz de produzir alterações nervosas sérias. Nem todos concordam com aquele relatório, porém mesmo os que lhe fizeram restrições, por exagerado, não deixaram de salientar é a linha comum das classes farmacológicas – que trata de substância, que deve ser controlada [...]*[30]

Em uma notícia, de 5 de junho do mesmo ano, o jornal já associava o assassinato ao uso da maconha. A notícia foi estampada com o seguinte título "Matou Estudante: preso.,"

Pondo em destaque que, além das armas, o acusado trazia consigo cigarros de maconha:

> *[...] a polícia encontrou em seu poder, dois revólveres, um de calibre "32", marca Ina, com 4 balas intactas e um outro marca Taurus, calibre"38" com a inscrição da Guarda Civil de São Paulo. Além das armas, levava certa quantidade de maconha a granel, além de "2 fininhos."*[31]

Uma indagação feita ao analisarmos a documentação e após a realização das entrevistas, é quanto à predileção do Dr. Waldemar Alcântara

[30] São Paulo, *Folha de São Paulo*, 25 jun. 1967, p.7.

[31] São Paulo, Folha de São Paulo, 05 jun. 1967, p.5.

pela medicina quando comparada à política. Sendo senador pelo ARENA, um dos dois únicos partidos políticos do Brasil durante o governo militar, Dr. Waldemar fez uma escolha arriscada ao defender o seu ponto de vista médico, tecendo críticas contundentes ao projeto governamental de criminalização mais dura da maconha.

Além da pressão política gerada pelo partido, havia também uma forte pressão social das diferentes classes, em especial da mais conservadora; tendo em vista que o imaginário popular encarava a planta como um verdadeiro monstro, era de se esperar que Dr. Waldemar Alcântara adotasse uma postura de defesa dos interesses partidários e preservasse seu eleitorado, fato que curiosamente não ocorreu de início. A manutenção de suas convicções ligadas à medicina e à ciência não podem ser entendidas como simples retórica ou declamação. Havia uma vontade legítima de pensar a política referente às drogas por outros moldes, vontade essa suplantada em 1973 com o parecer que diz:

> De acordo com a exposição aduzida, somos de parecer da aprovação do projeto em exame, com as emendas que ora propomos, formuladas no intuito de, suprindo a omissão de que ressente, colaborar com o Poder Executivo, cuja iniciativa representa um louvável esforço na preservação da família, da ordem e segurança nacional.[32]

Somando os depoimentos de pessoas ligadas ao Dr. Waldemar Alcântara, coletados por meio das entrevistas, mais a análise de alguns de seus projetos políticos, que são em sua maioria voltados para a área da saúde, podemos partir da premissa de que seu lado médico prevalecia sobre o "Waldemar político". O que pode corroborar essa hipótese, são os relatos que falam da cumplicidade do biografado com sua esposa Dolores, onde segundo eles, era Dona Dolores que tomava as rédeas do jogo político, tendo importante participação na carreira política do marido.

Os vestígios deixados por Dr. Waldemar Alcântara em seus objetos, obras, discursos e em sua relação com familiares, amigos, colegas de profissão e da política, fazem parte de pequenos acordes que nos ajudarão a compor uma harmonia sobre suas vivências, fornecendo dados significativos para traçar o perfil de um homem que se colocava à frente de seu

[32] Ação parlamentar do senador Waldemar Alcântara vol. I, tomo II, pag. 597

tempo. Com indagações que dizem respeito à cultura e à sociedade do Brasil de hoje, as percepções dele sobre a maconha, enriquecem o debate a respeito de um dos mais graves problemas sociais do nosso país, fazendo destacar a importância da preservação de seus atos, seja na medicina ou na vida política.

A sensibilidade com que trata a questão da maconha, livrando-se de preconceitos de seu tempo e buscando compreender dentro de uma visão racional, mas ao mesmo tempo sensível, as motivações para seu uso, desconstrói a imagem de um homem de feições duras e rigor implacável. Dr. Waldemar, ao falar em pleno Congresso Nacional, em um tratamento diferente para a maconha, tratamento voltado para a educação e a saúde, demonstrou mais uma vez seu forte caráter de vanguarda. Um vanguardista, por pensar a frente e um corajoso, por ter a coragem de dizer o que pensava.

Considerações avaliativas, mas não conclusivas[33]

Em geral, os artigos publicados em uma Revista, como a do Instituto do Ceará, apresentam nas últimas páginas uma Conclusão, mas nós preferimos intitular esta parte com outra denominação, "Considerações avaliativas", uma vez que a nossa pesquisa ainda se encontra numa fase inicial, considerando que, das entrevistas programadas, nenhum terço das mesmas foi realizado.

E as razões são muito claras, a pandemia impediu ou apagou muitas propostas de pesquisa de campo, impedindo inúmeros encontros almejados, considerando as exigências do isolamento social, que nos foi imposto pelas circunstâncias da propagação do COVID-19, isolando sobretudo a pessoas, na terceira idade, como é a quase totalidade da relação dos entrevistados.

Conforme indicamos, no início do artigo, além de personalidades ligadas à política e ao campo das saúde e das doenças, pretendemos ouvir outros testemunhos, de lideranças políticas, incluindo opositores à limitação dos partidos políticos, durante o regime militar, considerando não apenas os filiados ao MDB, mas pessoas de outras tendências políticas, sem esquecer testemunhos mais jovens e aí evocamos o conceito de "pós

[33] Texto produzido por Gisafran Nazareno Mota Jucá.

- memória", além de profissionais das ciências humanas, como alguns historiadores e cientistas políticos.

A montagem de biografias, nos dias atuais, graças às inovações teórico – metodológicas da história, não mais se limitam à louvação ao ente homenageado, mas à elaboração de um estudo do biografado e do seu meio sócio - cultural, político e econômico. Esta é a nossa proposta, que consideramos compensatória, bastando indicar, como prova, a decisão dos dois bolsistas, que conosco escreveram este artigo de concentrarem suas pesquisas, destinadas às monografias, de conclusão do Curso de Licenciatura em História, direta ou indiretamente no campo da saúde. Como costumo afirmar, o uso da história oral, numa análise biográfica, é uma oportunidade de elaborar um trabalho, de autoria não apenas de um Eu ou de um Ele, mas de apresentar uma narrativa histórica, cujos agentes decisivos são Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles, numa manifestação do elo contínuo entre memória individual e memória coletiva.[34] Assim, num bom português lusitano, "calha" muito bem encerrar a presente narrativa com uma das valiosas reflexões de José Saramago:

> *"Não se sabe tudo, nunca se saberá tudo, mas há horas em que somos capazes de acreditar que sim, talvez porque nesse momento nada mais nos podia caber na alma, na consciência, na mente, naquilo que se queria chamar ao que nos vai fazendo mais ou menos humanos".*[35]

***

[34] HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva.* São Paulo: Vértice / Editora Revista dos Tribunais, 1990.

[35] SARAMAGO, José. *As Pequenas Memórias.* São Paulo: Companhia Letras, 2006, p.15.

FONTES DOCUMENTAIS

Ação Parlamentar do Senador Waldemar Alcântara, 1974, Vol. I, Tomos I e II.

ENTREVISTAS REALIZADAS

ALCÂNTARA, Dr. Lúcio Gonçalo de. Entrevista concedida a Gisafran Nazareno Mota Jucá, Alex Almeida de Sousa, Maria Gabrielle Sousa Aquino. Fortaleza, 15 de outubro de 2019.

ALCÂNTARA, Dra. Lúcia Maria de. Entrevista concedida a Gisafran Nazareno Mota Jucá, Alex Almeida de Sousa, Maria Gabrielle Sousa Aquino. Fortaleza 25 de setembro de 2019.

RAMALHO, Dr. Ary da Silva. Entrevista concedida a Gisafran Nazareno Mota Jucá, Alex Almeida de Sousa, Maria Gabrielle Sousa Aquino, Fortaleza, 30 de janeiro de 2020.

SALOMÃO, Dr. Elias Geovani Boutala. Entrevista concedida a Gisafran Nazareno Mota Jucá, Alex Almeida de Sousa, Maria Gabrielle Sousa Aquino. Fortaleza, 18 de outubro de 2019.

SILVA, Dr. Marcelo Gurgel Carlos da. Entrevista concedida a Gisafran Nazareno Mota Jucá, Alex Almeida de Sousa, Maria Gabrielle Sousa Aquino. Fortaleza, 30 de out. 2019.

***